

## **DISCURSO SOBRE A NÃO VIRILIZAÇÃO DO CÉREBRO: INCOERÊNCIA E PRECONCEITO**

**Leangel Ramos de Albuquerque<sup>1</sup>**

Eu tenho Hiperplasia Adrenal Congênita, a manifestação clínica na forma clássica perdedora de sal. Início minha fala apresentando meu distúrbio genético porque é importante as pessoas intersexo compartilharem suas variações. Tal orientação me foi passada durante minhas buscas por respostas a respeito da temática.

Eu passei por uma cirurgia mutilatória na genitália quando eu tinha três anos de idade. Além disso, existem outros abusos que as crianças podem passar, um deles é induzir os pais a não conversarem ou nunca contar aos seus filhos que eles são intersexo, como Dra. Dionne nos apresentou nesta audiência.

Eu passei por isso. Faz apenas três anos que tive acesso à palavra “intersexo”. Durante todo o meu crescimento, essa palavra nunca era utilizada, me diziam que eu era uma pessoa do gênero de sexo feminino, e que tinha apenas nascido com genitália ambígua. Tais práticas podem causar muitos problemas nas crianças. Um deles é forma como elas se autoidentificam, porque elas precisam construir a sua identidade de gênero e a sua orientação sexual, e, para isso, é importante que não sejam omitidas delas que são pessoas intersexo. Em meio a essas descobertas, conheci a ABRAI (Associação Brasileira Intersexo), ela foi fundamental para mim, no que tange a tais apontamentos.

Gostaria de colocar a fala de um profissional da saúde do Hospital das Clínicas de São Paulo. Confesso que, diante aos relatos que presencio sobre o tratamento dado as pessoas intersexo nesse ambulatório, não me escandalizo com estes apontamentos. Sua fala é. “Nos 300 casos que acompanhamos no nosso ambulatório de pessoas com Hiperplasia Adrenal Congênita, a informação que chegou sobre as

---

<sup>1</sup> Engenheiro Civil. Pessoa intersexo.

crianças foi que aquelas que fazem o tratamento corretamente, com medicamentos, atendimento psicológico e cirurgias feitas na infância, não tiveram o desejo de transicionar. Ou seja, não houve virilização do cérebro. Enquanto pessoas que não tiveram acesso ao tratamento desde pequeno viralizaram de uma maneira até mesmo irreversível”.

Simplificando, o que esse profissional quis dizer pra mim foi que, de todos os pacientes que foram acompanhados, desde criança, com os médicos daquele ambulatório, nenhum deles se tornaram pessoas trans ou escolheram algum outro tipo de identidade de gênero. Ressalto que esse discurso veio de um profissional que estava acompanhado de pessoas com orientação sexual heterossexual.

Mas, não me calei diante desse discurso. Perguntei ao profissional: “quer dizer que pessoas que não são intersexo e são pessoas trans têm algum outro tipo de problema hormonal, já que você está mencionando que o hormônio viriliza o cérebro de modo a fazer com que a pessoa se identifique cisgênero ou transgênero?”. A resposta que obtive foi outros questionamentos com a mesma postura, isto é, a fala de que o tratamento correto impede que a pessoa livre-se dessa binarização forçada nos corpos intersexo.

Acho importantíssima a luta que estamos tentando travar pela garantia dos direitos da pessoa intersexo. Podemos mudar a Resolução 1.664/03 do CFM (Conselho Federal de Medicina).

Para finalizar, por causa da existência de muitos abusos, não só no Hospital das Clínicas, mas, de forma geral, em todo o Brasil, reforço que é necessário conseguir, de forma justa, a revogação dessa Resolução. Os corpos intersexo pedem ajuda e mudança não é de hoje, mas há 30, 50 e 100 anos.